

UCLA

Mester

Title

Rimas e não soluções: Toda entrevista é breve com a poeta Sônia Marques

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/87g0b92r>

Journal

Mester, 47(1)

Author

Giménez, Isaac

Publication Date

2018

DOI

10.5070/M3471040854

Copyright Information

Copyright 2018 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Rimas e não soluções: Toda entrevista é breve com a poeta Sônia Marques¹

Introdução e perguntas da entrevista por Isaac Giménez, estudante de doutorado da Universidade da Califórnia, Los Angeles

Arquiteta de formação e professora aposentada após anos de ensino e pesquisa em diversas instituições da área de Arquitetura e Urbanismo, Sônia Maria de Barros Marques surpreendeu como poetisa “recém-descoberta” com *Sangria desatada*. Desta obra merecedora do Prêmio Edmir Domingues de Poesia da Academia Pernambucana de Letras em 2015, nasceu *Onde todo tempo é breve*, publicado pela Companhia Editora de Pernambuco (CEPE) em setembro de 2017.² Em palavras do escritor e jornalista Raimundo Carrero, “a poesia se agiganta em Pernambuco com Sônia Marques.”³

O extenso currículo da poeta daria para várias vidas: doutora em sociologia, ensinou por anos nas universidades federais de Pernambuco, Rio Grande do Norte e da Paraíba. Como professora visitante e pesquisadora, passou temporadas na Universidade Federal da Bahia (1997), Universidade de Montreal (2005), Universidade de Tours (2007 e 2008) e Universidade de Texas (2014). Também se destacou como presidenta do Instituto de Arquitetos de Pernambuco, coordenadora e principal colaboradora em vários programas educacionais e projetos de criação, como docente e tradutora de francês, para apenas referir alguns dos muitos sucessos profissionais. Em maio de 2018 tivemos a sorte de contar com a presença de Sônia Marques no Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia, Los Angeles. A entrevista a seguir, aprofunda questões já abordadas pela poeta durante seu passo pela cidade, entre outras, a necessidade de posicionamento político dos artistas/escritores brasileiros, as tensões que derivam da palavra escrita, as vozes femininas na literatura e a sua visão pessoal sobre a poesia e as letras em geral.

Mester: A primeira pergunta tem a ver com seu início na escrita literária. Já mencionou que sempre gostou de escrever de maneira

íntima e que participar em oficinas de criação literária ajudou bastante no seu processo de crescimento como escritora. Como surgiu *Sangria desatada* e quanto de este projeto está contido em *Onde todo tempo é breve*?

Sônia Marques: A literatura e, particularmente, a poesia, ocuparam sempre um lugar importante na minha vida. Meus pais eram grandes leitores. Na casa onde nasci e vivi até a maioridade, havia uma biblioteca, ao centro, uma grande mesa de estudo para os filhos. Fazíamos cadernos, copiando poesia, e recitávamos, em casa ou no Grêmio Littero-Recreativo das Graças (GLRG), espécie de clube do bairro. Éramos encorajados a escrever, frazer jornais. Depois, veio a Aliança Francesa e o estudo da literatura de forma mais sistematizada. *Sangria desatada*, sendo fruto destas raízes amadurece, no entanto, bem mais tarde. Remonta aos meados dos anos 70, em que por circunstâncias diversas, escrever poesia se impôs como uma atividade visceral, necessária, indispensável, clandestina e transgressora. Uma ladra que roubava para mim um tempo que eu deveria dedicar aos diversos afazeres familiares ou profissionais. Anos depois, a poesia *Sangria desatada* revela a consciência deste processo. Por isso, achei que deveria ser o título da coletânea. Mostrei os escritos a algumas pessoas e Edileusa Rocha assumiu a seleção e organização da versão premiada *Sangria desatada* com 86 páginas e 5566 palavras. Desta, uma parta foi para *Onde todo tempo é breve*: 60 páginas, 4110 palavras. Do total do corpus sobraram 118 páginas e 6869 palavras: os *Restos da sangria*. A Oficina Literária de Raimundo Carrero veio depois da premiação. Ela me levou à prosa, um universo diferente. Eu continuo escrevendo e sinto necessidade da interlocução.

M: Ao contrário de muitas das propostas líricas na produção literária brasileira contemporânea, chama atenção o cuidado da forma em sua obra. Considera a forma uma força impulsora em seu processo de escrita?

SM: Eu não tinha, acho que não tenho mesmo, consciência disto. Obrigada por observar, vou refletir mais sobre o assunto. Talvez eu seja tributária de minha formação de arquiteta modernista, para quem a forma segue a função. O que significa justamente, por princípio, evitar todo formalismo e toda decoração. É como se naturalmente houvesse uma adequação da forma ao conteúdo, como se nascessem juntos. Eu não escolho uma forma a priori, nunca aconteceu, até

agora. A força impulsora ou as forças impulsoras têm sido de natureza diversa. Emanam dos cinco sentidos—tátil, visual, auditivo, olfativo, gustativo—nas múltiplas combinações possíveis.

M: No seu caso, que é que dita o poema?

SM: Uma ideia frouxa, pouco nítida, às vezes, a partir de uma palavra, um som, uma imagem, um sentimento. Mas, em todos os casos, sei que meu aparelho sensorial é muito fraco. É sempre o sexto sentido o do cérebro que é acionado. Estudo, estudo e trabalho, trabalho, fico polindo, lapidando as palavras.

M: Luzilá Gonçalves Ferreira aponta no prefácio “Uma voz de mulher,” uma fala feminina de vasta cultura literária e científica, “sem a melosidade que caracterizava até pouco tempo os poemas feitos por mulheres.” Também na poesia intitulada “Palavras” o eu-lírico fala do medo da melosidade. Em que medida se identifica, inspira ou diverge de outras vozes femininas da cena literária contemporânea brasileira, como as de Ana Martins Marques e Angélica Freitas?

SM: Sempre desgostei da pieguice, dos arroubos confessionais ou de assertivas pomposas, vindos de vozes masculinas ou femininas. Quanto às poetisas contemporâneas, é uma vergonha, mas só vim a conhecê-las muito recentemente, há poucos anos atrás, ao atualizar minhas leituras para a disciplina oficina de textos criativos do curso de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba. Foi uma feliz descoberta de sensibilidades convergentes. Mais feliz, tanto pelo fato de serem jovens, elas têm idade de serem minhas filhas. Minha geração é a de Ana Cristina Cesar, mas, mesmo na geração antecedente, em Sophia de Mello Breyner, por exemplo, encontro temas e musicalidades muito próximas.

M: Quais referências literárias você destacaria dentro e fora das fronteiras nacionais?

SM: Eu tento ler, ler e ler, clássicos e contemporâneos: [Olavo] Bilac, Cecília Meireles, [Fernando] Pessoa, [Manuel] Bandeira, [Carlos] Drummond [de Andrade], João Cabral, Joaquim Cardozo, Carlos Pena Filho, Ascenso Ferreira, Hilda Hilst, Adélia Prado, Manoel Barros, [Mário] Quintana, russos como Anna Akhmatova, [Vladimir] Maiakovski, em língua inglesa, [William Butler] Yeats, [Sylvia] Plath, e os franceses, [Jacques] Prévert, [Arthur] Rimbaud, [Paul] Verlaine, [Charles] Baudelaire, [Jean] Cocteau, [René] Char, [Eugène] Guillevic. Minha poesia também deve muito às letras de músicas, da MPB em

geral, que sempre gostei de decorar, a compositores como Noel Rosa, [Dorival] Caymmi, e depois Caetano [Veloso], Chico [da Silva], [Gilberto] Gil, Paulinho da Viola, e compositoras como Sueli Costa e Teresa Tinoco. Na prosa feminina, destacaria recentemente Maylis de Kerangal, Valeria Rezende, Sandra Cisneros e Alice Munro.

M: Em “Palavras,” poema que abre a obra, o eu-lírico estabelece uma relação tormentosa com a linguagem. As palavras parecem ter autonomia e a capacidade de nos transcender: “algumas explodem / outras se escondem / algumas me fodem / me roem, me consomem.”

SM: É assim mesmo, tem algo mágico e, muitas vezes, tem aquela coisa *serendipity*, uma palavra aparece assim na minha frente, quando eu nem buscava ou quando já nem esperava mais. Como elas são poderosas! Para mim, é sempre um combate, um desafio.

M: Nos últimos versos descreve a frustração do indivíduo que, transformado em caçador, busca alcançar uma presa sumidiça: “Nesta eterna caça / à exata, à certa / vou perdendo o sono.” Considera ter chegado com sua poesia perto da quimera daquilo que queria expressar?

SM: Nem de longe e, de certo modo, felizmente. Pois, assim, vivo atrás do que Drummond chamava de “alvos inatingíveis” o que é muito estimulante. Se não, seria a morte. Mas poder reler-me com dignidade e não ter vergonha do que escrevi, nem arrepende-me, nem ter vontade de jogar fora, já não é pouca coisa.

M: Pensando em processos de criação como a escrita poética e a tradução literária, de que forma pode ser produtivo visibilizar a frustração do autor frente a essa busca irrealizável por atingir a palavra exata?

SM: Embora a tradução seja um processo criativo, eu penso que seja de natureza diversa daquela da escrita original. Não digo que seja mais nem menos criativo. É bastante conhecido o caso de tradutores que deram mais qualidade aos textos originais. O que me parece é que na tradução há dois autores, o que, para mim, complica o processo. Estou tentado traduzir-me para o francês e vacilo nas palavras. Claro que, em parte, é porque meu domínio linguístico em francês é menor. Mas, quando passo um texto de outro autor, originalmente em francês para o português, a hesitação também é grande. As escolhas aumentam. Quando sou autora da produção original sou dona da decisão. A briga é pela palavra exata. Quando boto mais uma língua

no território, o combate fica ainda mais difícil. De todo modo, buscar o exato ou o perfeito, é buscar o inatingível, como digo acima.

M: *Onde todo tempo é breve* está dividida em cinco partes: “Trincheiras,” “Tréguas,” “Alumbramentos,” “Suspeitas” e “Via Crucis.” É notável a preferência por termos que remetem a certo espírito bélico e religioso. Poderia comentar a relevância destas escolhas na organização do conjunto da obra?

SM: Na versão premiada de *Sangria desatada* havia uma seção chamada “Guaridas” que foi totalmente suprimida na publicação *Onde todo tempo é breve*. A ideia era de um percurso, uma trajetória, de luta, trincheiras, apaziguadas por momentos de tréguas, alumbramentos, suspeitas e espreitas, guaridas, até chegar ao final. Acho que o religioso só estava neste final, onde um périplo amoroso é comparado ao sofrimento de Cristo. Mas é possível que tenha mais de religioso e que eu não me dê conta. Estudei em escolas religiosas até ir para a universidade. Ninguém escapa a uma formação de anos. É possível que o bélico também carregue a marca de meu passado de militância política, sindical e associativa.

M: São vários os poemas onde estabelecem uma divisão clara entre as ações comunicativas *dizer e escrever*.

SM: Eu sempre me espanto com o poder das palavras e, para mim, a diferença da possibilidade do controle entre a oralidade, entre o que é verbalizado numa situação de resposta imediata e o que é escrito, repensado, retrabalhado é enorme. Li certa vez, não lembro mais onde, que Jean-Jacques Rousseau teria dito que a fala era mais verdadeira, mais espontânea. Não sei se ele disse isso realmente. Mas não acho que espontaneidade e verdade convirjam necessariamente.

M: “Escrevo e digo,” poema conciso de apenas quatro estrofes de quatro versos cada uma, pode ler-se como uma afirmação do eu-lírico que reconhece sua existência na medida em que expressa, mediante a repetição destes dois verbos em presente de indicativo, sua subjetividade. “Falar tem seu destino / sabe a sorte / escrevo é parto / digo é morte,” conclui o poema. As metáforas, de grande força evocativa, contrapõem as funções e alcances destas duas ações. Qual é a sorte do escrito?

SM: Isso mesmo. Quis marcar o enorme contraste do potencial das duas ações, o quanto escrever pode ser promissor, alvissareiro, e o dizer, assassino. Qual a sorte, o destino ou, parafraseando a música

“Cajuína,” escrever a que será que se destina?⁴ Nenhum dizer é anódino. No meu caso, e no caso da escrita, meu combate com as palavras, no caso da poesia, cega-me completamente em relação a qualquer eventual leitor. É uma luta, uma busca interna, eu e elas, as danadas. Nos contos, ponho um interlocutor no horizonte e considero as possibilidades ou os níveis de compreensão.

M: Qual é a potencialidade de escrever, mesmo como atividade “que não junta” (referido em “Os poetas”)?

SM: Mesmo que não mate. Mesmo que como um laço possa servir para reunir, escrever por si só não junta, não converge. Ao contrário, sempre cria possibilidades de dissenso, de interpretações diversas, é sempre polissêmico.

M: O título, *Onde todo tempo é breve*, aparece no poema “Sangria desatada” em referência “ao lugar que não nomeio.” A última estrofe expõe o paradoxo daqueles espaços ainda não alcançados e, portanto, não descritos: “Mundo é pequeno demais / para tanta liberdade. / Pr’ onde quer ir a vontade / que falta palavra faz.”

SM: É uma crença, talvez ilusória, de que nomear já seja uma forma de dominar a realidade, de submetê-la. O que tem nome já não tem mistério. Então, o grande desejo, o maior é aquele indizível, inominável, aquele para o qual não se tem palavras ou para o qual elas ainda não foram encontradas, é a poesia perfeita não realizada: os “alvos inatingíveis” de Drummond.

M: Que conforto oferecem as palavras ante o passar do tempo?

SM: Não sei. Acho que é mais angústia do que conforto, não é? Queria mais e mais, tudo urge, todo tempo é breve. Sempre falta.

M: Qual é a potencialidade que a poesia tem, em relação a outros gêneros literários, para chegar a espaços ainda não alcançados?

SM: Eu acho que a poesia é a maior *second life* possível. O potencial transgressor é total, mas o problema está no combate para achar o bom *password* ou os bons para os diversos mundos virtuais possíveis. Avançando a próxima questão, a ficção e o onírico nos salvam dos limites topográficos da vida real.

M: Em “Distopia,” depois de aludir a mapas, viagens e moradas em diferentes cidades do mundo, declara que “é tempo de não mais fazer bagagens.” São vários os instantes na obra onde enfatiza “o mundo é pequeno.” Perde-se com a experiência a capacidade de ser surpresa?

Os dois últimos versos que fecham o poema despertam uma curiosidade quase obsessiva: “Quão acanhado é todo o vasto mundo / Não há lugar chamado *onde vamos*.” Qual é o ponto de encontro entre seu pequeno mundo e o “vasto mundo” drummondiano?

SM: Não acho que a experiência inviabilize a surpresa. Falo disso no poema “Expert.” Quanto às referências à pequenez do mundo, elas são realmente ubíquas e ambivalentes. Às vezes mundo e vida se tornam sinônimos, a vida sendo curta, o mundo pequeno, para o tanto que se gostaria de viver e conhecer. No caso de “Distopia,” como salienta o nome, a questão é topográfica. Há o desencanto, o reconhecimento de um desejo ou ideal que, em lugar algum, poderá ser concretizado. Para o vasto mundo de Drummond, no “Poema de Sete Faces,” de 1930, havia rima e não solução.⁵ Passadas duas décadas, no poema “A Máquina do Mundo,” a vastidão parece reduzir-se, quando ele diz: “e tudo que define o ser terrestre [. . .] dá volta ao mundo e torna a se engolfar.”⁶ Retomei este poema como fio condutor de minha trajetória profissional num artigo intitulado “A máquina de meu mundo.”⁷

M: São vários as referências femininas que percorrem as páginas de *Onde todo tempo é breve*, incluindo alguns tão conhecidos como Helena de Troia ou *Alice in Wonderland*. A voz do eu-lírico, por vezes guerreira, muito embora vulnerável e contraditória, está feita de muitas arestas. O poema “Currículo” seria um excelente exemplo-síntese desta subjetividade multifacetada feminina. Na última estrofe declara: “Há sempre dentro de mim / uma revolta pronta / para rasgar lençóis / ou desfraldar bandeiras / e que mais me engravida / na nudez.” Em “Cuidado,” se declara em pé de guerra consigo mesma. Com quem ou o que busca ajustar as contas com sua poesia?

SM: Não creio que busque ajustar contas. Com nada, nem com ninguém. Nem sei se seria possível ou desejável. Em todo caso, como disse, a poesia me cega. Brigo com as palavras. Quero que a poesia me leve além, só isso. É verdade que nos dois poemas citados aparecem às muitas arestas da subjetividade feminina multifacetada, como você bem destacou. Mas remetem a uma questão anterior, a de que a forma tem a ver com o tema. “Currículo,” mais que assertivo, é um desabafo, uma declaração indignada, de cansaço, de busca de paz, mas com revolta pronta, em *stand by*. Está em verso livre e em vocabulário erudito. “Cuidado” está rimado em estrofes com num cordel,

na forma mais simple possível, e está cheio de imagens e expressões populares e regionais. É uma auto-gozação.

M: Em sua opinião, o que você acha que é, ou deveria ser, a responsabilidade ética e política que afronta o poeta em sua atividade criativa?

SM: Hoje em dia, sempre se corre o risco de ser mal interpretado em relação a esta questão. Eu acho que, como em qualquer outra atividade, o poeta tem a responsabilidade de não encorajar violência e atos contrários à dignidade humana. Escrevi, há uns seis meses, uma poesia que se refere à situação política atual. Transcrevo abaixo:

TEMER

Meu coração ateu
sempre duvidou
do que jamais iria acontecer

Mesmo quando as mãos
agiam panfletárias
Mesmo quando a voz
brandia aos microfones

Liberdade
o que não fiz em teu nome

Meu coração ateu
sempre duvidou
E agora
sangra e chora
ao lembrar
minham vida passionária

No passarán!
Passaram
Meu coração ateu
trêmulo, teme
o massacre
da fúria bolsonária

Escrevi isso porque não aguentava. Mas não tinha destino, não foi encomendada. Não acho que a arte tenha que ser “engajada,” como se dizia antigamente, ou que se deva escrever deliberadamente em prol de um compromisso social. Parafraseando Drummond, nós poetas temos apenas duas mãos e o sentimento do mundo, rimas e não soluções.

M: Como poeta pernambucana de recente sucesso (Prêmio Edmir Domingues, publicada pela CEPE), qual é, em sua opinião, o lugar que ocupa a poesia pernambucana contemporânea em relação à cena literária nacional?

SM: A poesia pernambucana, tanto erudita quanto popular, tem uma rica tradição, nem sempre reconhecida à altura. Edileusa da Rocha, a quem me referi acima, realizou excelentes trabalhos de publicação, como o livro de Lenilde Freitas e antologias de poetas pernambucanas.⁸

M: Acha difícil para um/a escritor/a do Nordeste aceder a certas arenas da lírica nacional?

SM: Em qualquer profissão é mais difícil alcançar reconhecimento quando se está distante dos centros hegemônicos. Não é impossível, mas exige muita dedicação e muito mas esforço de autopromoção e publicidade. E é por isso que, muitas vezes, a estratégia do regionalismo, do exótico, do folclórico, pode oferecer uma saída aparentemente mais fácil para o reconhecimento.

M: Difere o processo de avaliação da obra em função dos centros culturais onde se produz?

SM: Difere para o bem o para o mal. Neste ponto, a teoria da recepção é bem esclarecedora. Tivessem escrito em inglês, a partir de um centro hegemônico, [Joaquim Maria] Machado de Assis, Drummond e Clarice Lispector talvez fossem tão reconhecidos quanto Henry James, Yeats ou Virginia Woolf.

M: Por último e para concluir, poderia compartilhar conosco alguma informação sobre projetos literários nos quais está trabalhando na atualidade ou projetos que gostaria de desenvolver no futuro próximo?

SM: Eu continuo escrevendo poesia. Depois da publicação, já escrevi mais de setenta novas poesias. Estou traduzindo *Onde todo tempo é breve* para francês. Estou recuperando todos os escritos poéticos desde os anos 70, a maior parte ainda manuscritos, e quero organizar uma nova coletânea com estes, com algumas das novas e com seleção dos

Restos da sangria, aos quais me referi acima. Em prosa, submeti um livro de contos a um concurso este ano que gostaria de fazer traduzir em inglês. Estou escrevendo um outro livro de contos que talvez virem novelas.

Notes

1. A transcrição foi editada para adequar o conteúdo e ficar mais clara.
2. Marques, Sônia. *Onde todo tempo é breve*. CEPE, 2017.
3. Carrero, Raimundo. “A poesia se agiganta em Pernambuco com Sônia Marques.” *Diário de Pernambuco*, 13 de novembro de 2017.
4. Veloso, Caetano. “Cajuína.” *Cinema Transcendental*, Polygram Entertainment, 1979.
5. Drummond de Andrade, Carlos. “Poema de Sete Faces.” *Alguma poesia*, Companhia das Letras, 1930, 11.
6. Drummond de Andrade, Carlos. “A Máquina do Mundo.” *Claro enigma*, Editora Record, 1951, 121.
7. Marques, Sônia. “A máquina de meu mundo.” *Revista PROJECTAR: Projeto e Percepção do Ambiente*, vol. 2, núm. 3, 2017, pp. 8-13, www.revistaprojectar.ct.ufrn.br/index.php/revprojectar/article/view/233.
8. Rocha, Edileusa da, organizadora. *Corpo Lunar: Antologia poética*. Recife, 2002.